



O Não-Formal e o Informal em Educação: Centralidades e Periferias

.....
José Augusto Palhares | Almerindo Janela Afonso [organização]

ATAS do I COLÓQUIO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA EDUCAÇÃO III ENCONTRO DE SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Departamento de Ciências Sociais da Educação [DCSE] - Universidade do Minho
Secção de Sociologia da Educação da Associação Portuguesa de Sociologia [APS]
Asociación de Sociología de la Educación [ASE] - Espanha



Universidade do Minho
Instituto de Educação



O Não-Formal e o Informal em Educação



Título: O não-formal e o informal em educação: Centralidades e periferias.
Atas do I colóquio internacional de ciências sociais da educação / III encontro de sociologia da educação (3 volumes)

Organização: José Augusto Palhares | Almerindo Janela Afonso

Comissão Organizadora

Almerindo Janela Afonso (Coord.)
Carlos Alberto Gomes
Esmeraldina Veloso
José Augusto Palhares
Maria Custódia Rocha
Emília Vilarinho
Fernanda Martins
Natália Fernandes
Cristina Fernandes
Carla Soares

Comissão Científica

Almerindo Janela Afonso
Ana Diogo
Alan Rogers
Alcides Monteiro
António Fragoso
António Neto-Mendes
Armando Loureiro
Carmen Cavaco
Fernando Ilídio Ferreira
Isabel Baptista
José Alberto Correia
José Augusto Palhares
Licínio C. Lima
Manuel Sarmento
Maria da Glória Gohn
Mariano Fernández Enguita
Paula Cristina Guimarães
Pedro Abrantes
Rui Canário
Sofia Marques da Silva
Xavier Bonal

Edição: Centro de Investigação em Educação (CIEd)
Instituto de Educação
Universidade do Minho
Braga - Portugal

Composição e arranjo gráfico: Carla Soares, José Augusto Palhares

Capa e design: João Catalão

Formato: Livro Eletrónico, 3 Volumes, 2110 Páginas

Volume I: [pp. 1 – 680] | Volume II: [pp. 681 – 1292] | Volume III: [pp. 1293 – 2110]

ISBN: 978-989-8525-27-7

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projeto PEst-OE/CED/UI1661/2011

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

© CIEd, Dezembro 2013



Os sentidos da performatividade escolar fora dos muros da escola¹

José Augusto Palhares

Instituto de Educação, Universidade do Minho
jpalhares@ie.uminho.pt

Leonor Lima Torres

Instituto de Educação, Universidade do Minho
leonort@ie.uminho.pt

Na última década, a pressão exercida sobre a escola pública para a produção de resultados tornou-se uma constante da agenda política, arrastando consigo alterações significativas na reconfiguração organizacional e nas dinâmicas de escolarização. Reféns de múltiplos mecanismos de prestação de contas, alguns deles introduzidos de forma camuflada, as escolas e os agrupamentos de escolas veem-se coagidos a adotar lógicas performativas e competitivas, alterando por vezes o sentido original da sua missão estratégica. Este movimento de natureza tentacular está a invadir os mais diversos recantos da organização escolar, impondo outras agendas e racionalidades ao nível da sua gestão política, pedagógica e cultural. Esta comunicação pretende explorar o efeito que este fenómeno tem vindo a operar na relação entre os processos escolares e não-escolares e na forma como estes têm vindo a alterar as suas fronteiras. Tomando como objeto de estudo as trajetórias de excelência dos alunos de uma escola secundária, discute-se a importância dos contextos não-escolares e das experiências não-formais e informais na construção de percursos de elevado desempenho académico. Por um lado, analisa-se o modo como a escola interjeta as suas políticas de gestão organizacional e pedagógica com as lógicas que imperam na esfera não-escolar e que podem interferir com a produção dos resultados académicos; por outro lado, procura-se indagar as influências dos processos de aprendizagem e avaliação formal sobre os próprios contextos de aprendizagem não-escolar. Do ponto de vista metodológico, a abordagem apoia-se num estudo de caso, iniciado em 2009, numa escola secundária do norte do país. Os dados provenientes da administração de um inquérito por questionário ao universo dos alunos que nos últimos oito anos integraram o quadro de excelência e da análise documental aos seus registos biográficos possibilitaram o esboço de algumas tendências significativas: i) intensificação da formalização dos processos de escolarização, com destaque para o reforço de práticas de ensino instrutivo e de modalidades de avaliação de tipo sumativo; ii) relação entre as aprendizagens não-escolares e os níveis de performatividade dos alunos; iii) formalização crescente dos contextos de aprendizagem não formal (fora e dentro dos muros da escola); iv) diluição das fronteiras entre o escolar e o não-escolar, transfigurando-se este último num potencial agente da performatividade; v) aliança e cumplicidade estratégica entre o mundo escolar e alguns setores do mundo não-escolar.

Palavras-chave: Excelência académica, educação não-escolar (não formal e informal), percursos escolares

¹ Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto PTDC/IVC-PEC/4942/2012 do Centro de Investigação em Educação da Universidade do Minho (CIEEd), intitulado *Entre Mais e Melhor escola: A Excelência Académica na Escola Pública Portuguesa*. A presente comunicação retoma, em algumas partes, alguns dos resultados de pesquisa apresentados em diversos congressos, designadamente no XI Congresso Espanhol de Sociologia - Crisis y cambio: Propuestas desde la sociología, 10-12 julho de 2013, Madrid.

Introdução

O estudo do fenómeno da excelência académica na escola pública constitui um objeto que exige um olhar atento aos dinamismos que ocorrem para além dos espaços e tempos escolares, não observados apenas na sua exterioridade, mas, sobretudo, na sua relação recíproca com as lógicas de ação escolar. A performance dos alunos que permite às escolas construir dispositivos de distinção académica, com repercussões nos planos políticos, pedagógicos e de ensino-aprendizagem, vem ganhando um novo fôlego na sociedade portuguesa, à medida que se vem instalando mecanismos de regulação e de marketing escolar. Para o investigador em educação, há muito se sabe que “nem tudo que reluz é ouro”, isto é, que o rendimento escolar dos alunos depende fortemente de fatores intra e extraescolares e que os resultados de excelência têm em si mesmos inscritos processos de socialização e de diversidade cultural.

Os percursos educativos e formativos dos alunos constituem uma preocupação dos autores desta comunicação, sendo justamente através de uma perspetiva sociológica atenta aos processos não-formais e informais que pretendem abordar uma das vertentes da excelência académica na escola pública. Os dados que aqui mobilizaremos resultam de um estudo de caso numa escola secundária do norte de Portugal, centrado no universo dos estudantes que nos últimos dez anos figuraram no quadro de excelência e que obtiveram a média igual ou superior a 18 valores nos resultados escolares.

O estudo incidiu, num primeiro momento, sobre a construção do perfil sociográfico de 448 “alunos excelentes”, com base na informação obtida nos registos biográficos. Numa fase posterior, avançou para a administração de um inquérito por questionário ao universo dos alunos laureados desde o ano letivo de 2003-2004, tendo sido recolhidas 209 respostas.

Perfil académico dos “alunos excelentes”

Os dados que a seguir submetemos à discussão resultaram, sobretudo, de duas *démarches* metodológicas (registos biográficos dos alunos e inquérito por questionário), procurando oferecer uma primeira imagem global da excelência académica na escola em estudo.

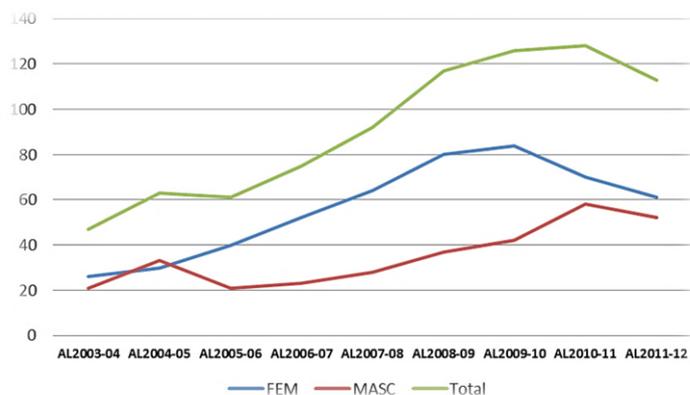
A escola onde efetuamos o nosso estudo implementou pela primeira vez o quadro de excelência no ano letivo de 2003/2004, estando os seus critérios clarificados no seu regulamento interno. São distinguidos no quadro de excelência os alunos que no terceiro período do ensino secundário apresentem uma classificação média de frequência igual ou superior a dezoito valores, sendo consideradas no cálculo dessa média as classificações obtidas pelo aluno em todas as disciplinas obrigatórias do plano curricular.

Efetivamente, ao longo de uma década o número de alunos incluídos no quadro de excelência tem vindo a aumentar progressivamente, com exceções pontuais de índole conjuntural relacionadas com a diminuição do número de alunos matriculados nos anos letivos de 2005/2006 e 2011/2012. No ano letivo em que a escola implementou o quadro de excelência foram distinguidos cerca de 50 alunos, tendo este número aumentado para 90 no ano letivo de 2007/2008 e para 110 no ano letivo de 2011/2012 (cf. gráfico 1). A análise efetuada aos registos biográficos revelou um aumento do número de “alunos excelentes”, que perfazem atualmente cerca de 10% do total de inscritos nessa escola. Contudo, não deixa de ser importante equacionar, na esteira dos trabalhos de Vieira, Pappamikail e



Nunes (2012), qual o impacto futuro do empenho despendido por estes alunos ao nível da sua inserção no mercado de trabalho, ou seja, permanece a incógnita se os resultados exemplares obtidos no ensino secundário constituem um fator de sustentação dos desempenhos no ensino superior e a uma mais-valia no acesso ao mercado de trabalho.

Gráfico 1 – Evolução dos alunos excelentes (2003-2012) (N=448)

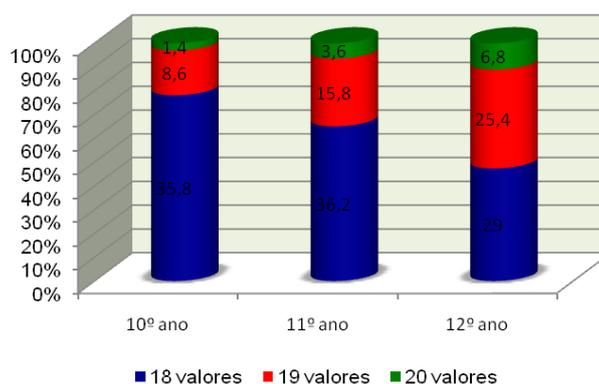


Fonte: Registos biográficos dos alunos incluídos no quadro de excelência (2003-2012)

Partindo do pressuposto de que o aumento de alunos incluídos no quadro de excelência poderá significar um maior investimento nos estudos, mais esforço e dedicação, afigura-nos relevante questionar se o empenhamento dos alunos se repercute de forma igualitária por cada ano de escolaridade. Os dados apontam para uma maior concentração da nota 19 e 20 valores nos dois últimos anos do ensino secundário. Tomando como exemplo a classificação obtida de 19 valores, verifica-se que “apenas” 8,6% dos alunos alcançam esta média no 10º ano de escolaridade, em contraste com os 15,8% no 11º ano e os 25,4% no 12º ano. Uma das razões para esta disparidade poderá estar relacionada com a aproximação da fase de transição para o ensino superior (cf. gráfico 2).

139

Gráfico 2 – Classificação obtida em cada ano de escolaridade (N=448)



Fonte: Registos biográficos dos alunos incluídos no quadro de excelência (2003-2012)

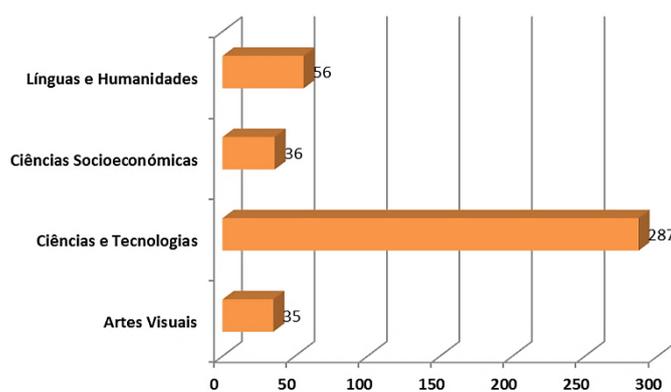
Entre o ano de 2003 e o ano de 2012 foram distinguidos no quadro de excelência 448 alunos, correspondendo a 61% de raparigas e 39% de rapazes (cf. gráfico 1). A



existência de mais alunos distinguidos do sexo feminino poderá estar associada à crescente taxa de feminização nas escolas portuguesas e da denominada “dupla vantagem escolar” alcançada pelas raparigas, ou seja, melhor desempenho e uma maior longevidade no percurso escolar (Vieira, Pappamikail & Nunes, 2012, p. 54).

Em termos de área científica, verifica-se que 227 alunos inserem-se na área científica das ciências e tecnologias, o que perfaz uma percentagem de 63,2% (cf. gráfico 3) . Esta percentagem não é alheia à própria definição biográfica que o aluno começa a construir de si mesmo, tendo no horizonte a entrada no ensino superior através de um determinado curso e a disseminação de uma hierarquia de áreas propensamente mais favoráveis no acesso ao mercado de trabalho.

Gráfico 3 – Área científica dos estudantes (N=448)



Fonte: Registos biográficos dos alunos incluídos no quadro de excelência (2003-2012)

A caracterização do perfil académico destes alunos não pode prescindir da compreensão de outras condições objetivas e subjetivas inerentes aos seus desempenhos escolares. Em trabalhos anteriores (Palhares & Torres, 2012; Palhares, 2013) pusemos em destaque as origens sociais e o capital cultural dos progenitores, nomeadamente pelo recurso ao indicador socioprofissional de classe do grupo doméstico e à variável escolaridade. Se, por um lado, foi possível observar alunos cujas famílias se situavam predominantemente entre os quadros superiores e dirigentes (respetivamente, 3,6% e 2,6% para o pai e para a mãe) e entre as profissões intelectuais e científicas (pais 33,5% e mães 34%), por outro lado, constataram-se entre os familiares destes alunos grupos socioprofissionais de menor estatuto social, tais como operários, artífices e trabalhadores similares (10,4% pai e 2,3% mãe), trabalhadores não qualificados (10,1% pai e 7,2% mãe), operadores de instalações e máquinas e trabalhadores de montagem (4,8% pai e 2,8% mãe), entre outros.

Ao analisar-se a escolaridade das famílias de origem destes alunos, verifica-se que em termos globais os nossos resultados não apresentam descoincidências importantes da investigação realizada por Vieira, Pappamikail & Nunes (2012). Uma parcela importante dos pais e mães (cerca de 52%) dos alunos distinguidos possuem um grau superior de escolaridade, confirmando que “efetivamente, é em relação aos percursos escolares mais próximos do padrão institucional de sucesso que a proporção de alunos com background



familiar mais escolarizado (40%) se revela superior” (Vieira, Pappámikail & Nunes, 2012, p. 56).

Por seu turno, constatamos que não é perfeitamente linear a relação entre o nível de escolaridade dos pais e os alunos distinguidos pelo mérito escolar. Os dados preliminares recolhidos pela nossa investigação revelam, igualmente, uma percentagem significativa de alunos cujos pais detinham uma escolaridade até ao 9º ano (28,9% e 32,5% para o pai e mãe) e se a estes adicionássemos os detentores do ensino secundário as percentagens seriam, respetivamente 48,2% e 46,8%. No fundo, poder-se-ia proceder a uma separação entre os titulares e os não titulares de uma formação ao nível dos estudos superiores, o que por si só nos revela a heterogeneidade das condições sociais de origem e a necessidade de fazermos prevalecer abordagens que evitem o determinismo sociológico do destino escolar atribuído à nascença. Por conseguinte, será pertinente perscrutarmos em trabalhos ulteriores outras dimensões e realidades culturais subjacentes ao sucesso escolar dos alunos (e.g. Lahire, 1995) que escapem à linearidade das transições sociais marcadas pelas origens de classe, assim como se deverá equacionar até que ponto estes indicadores nos revelam os sentidos atuais da democratização da escolaridade e, igualmente, dos resultados académicos dos alunos.

O ofício do aluno e o trabalho escolar

Os dados apresentados na tabela 1 revelam um perfil de aluno não muito envolvido nos órgãos de governo da escola, com a exceção do desempenho de delegado de turma e a inerente representação no Conselho de Turma. A eleição para este cargo parece estar associada ao estatuto de “bom aluno” no contexto turma e às correlativas representações simbólicas do cargo que são sustentadas no quotidiano daquela escola. Por sua vez, a participação em projetos e em clubes, de natureza mais episódica, aparece aqui com algum destaque, remetendo-nos para um tipo de atividade extracurricular complementar e associada a determinado professor ou disciplina.

Tabela 1 – Participação dos alunos na organização escolar

Tipo de participação	Fi	%
Delegado de turma (n=172)	66	38,4
Conselho de Turma (n=69)	25	36,2
Projetos e clubes (n=175)	44	25,1
Assembleia de Escola (n=57)	4	7,0
Conselho Geral (n=55)	3	5,5
Associação de Estudantes (n=172)	6	3,5
Grupo Coral (n=169)	4	2,4
Conselho Pedagógico (n=54)	1	1,9

Fonte: Inquérito por questionário aos alunos do quadro de excelência 2003-2009.

Para além do envolvimento em atividades intrinsecamente ligadas ao ensino-aprendizagem, não se vislumbra uma participação ativa nos órgãos de gestão da escola nem uma adesão às estruturas associativas dos estudantes. Ressalta um perfil de aluno focado exclusivamente no processo de aprendizagem formal e alheado de outras experiências educativas possibilitadas pelo e no contexto escolar. De forma a melhor



compreender os contornos deste perfil, incidimos o nosso olhar sobre as respostas a uma questão introduzida no inquérito administrado aos alunos que, na altura, ainda frequentavam o ensino secundário e que versava sobre os espaços escolares por eles mais frequentados. Depreende-se dos dados contidos na tabela 2 que, para além dos espaços de interação propícios ao convívio durante as pausas letivas (sala de convívio e átrios exteriores), os laboratórios constituem o local mais frequentado por estes alunos, logo seguido das salas de estudo. Os clubes da escola, o núcleo de apoio educativo, os serviços de psicologia e orientação e o núcleo de projetos e atividades figuram entre os espaços menos frequentados, apresentando uma elevada percentagem de alunos que nunca os utilizaram. A inexpressiva percentagem de alunos que utilizam os recintos desportivos (fora das aulas de Educação Física) é reveladora, por um lado, do centramento dos interesses destes alunos na esfera formal da sala de aula e, por outro, da sua prática desportiva fora da escola – entre um diversificado leque de atividades extracurriculares frequentadas por estes alunos, o desporto fora da escola figura como uma das modalidades mais praticadas.

Tabela 2 – Frequência de utilização dos espaços da escola (%) (N=60)

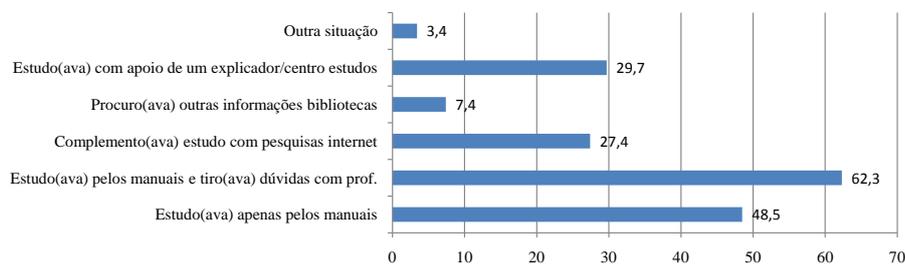
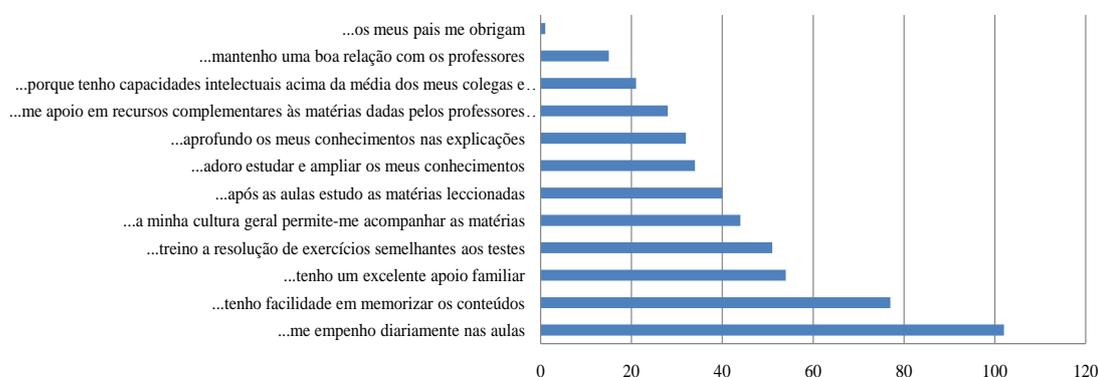
Espaços da escola	Muito frequente	Frequente	Raramente	Nunca
Sala de convívio	74,1	17,2	8,6	0,0
Salas de estudo	8,6	32,4	36,2	22,4
Laboratórios	27,6	43,1	3,4	25,9
Biblioteca	8,6	13,8	48,3	29,3
Serviços de Psicologia e Orientação	0,0	3,4	17,2	79,3
Recintos desportivos (fora das aulas de EF)	5,2	10,3	44,8	39,7
Átrios exteriores	53,4	37,9	6,9	1,7
Clubes da escola	0,0	1,7	5,2	93,1
Núcleo de projetos e atividades	0,0	8,8	19,3	71,9
Núcleo de apoio educativo	0,0	5,2	12,1	82,8

Fonte: Inquérito por questionário aos alunos do quadro de excelência 2003-2009.

Procurando carrear informações sobre o ofício do aluno (Perrenoud, 1995), sobretudo no que respeita ao método de estudo (cf. gráfico 4), solicitamos aos inquiridos que indicassem de que forma organizavam o processo de aprendizagem nas distintas disciplinas. O perfil-tipo do aluno excelente parece sublinhar as estratégias clássicas de estudo, isto é, o estudo de conteúdos em manuais e a posterior dilucidação de dúvidas juntos dos respectivos professores. O recurso ao explicador aparece aqui de igual forma com algum relevo, ainda que esta percentagem não confira com dados anteriormente avançados, que em nosso entender se prende com o entendimento do sentido do estudo como prática prioritariamente individual. Por fim, a internet parece afirmar-se como um recurso emergente no apoio ao estudo, relegando a tradicional biblioteca para um plano residual.

Questionados sobre as razões subjacentes à obtenção de excelentes classificações (cf. gráfico 5), os inquiridos apontaram primordialmente o empenho diário nas aulas, a facilidade na memorização dos conteúdos e o apoio familiar. Inversamente, as razões menos invocadas foram a pressão da família, o bom relacionamento com os professores e as elevadas capacidades intelectuais quando comparadas com os demais colegas. O estudo das matérias após as aulas, o gosto pelo conhecimento e, inclusive, as explicações parecem não se enquadrar entre as principais razões justificativas dos resultados obtidos.



Gráfico 4 – Método de estudo**Gráfico 5 - “Consgo obter excelentes classificações porque...” (Fi)**

Fonte: Inquérito por questionário aos alunos do quadro de excelência 2003-2009.

Na perspetiva destes alunos parece sobressair uma imagem de excelência ancorada em dimensões cognitivas desenvolvidas no contexto da sala de aula, assim como na capacidade de assimilação de conteúdos e de saberes escolocentrados, o que nos pode remeter para a identificação da excelência com os processos clássicos de ensino-aprendizagem, tendencialmente mais reprodutivos do que críticos, reflexivos e participados. A referência ao contexto familiar poderá estar associada não só à existência de condições socioeconómicas e culturais que favoreçam o investimento escolar, mas também à partilha de um ideário de vida e ao reconhecimento das possibilidades educativas e formativas da escola.

Os fatores não escolares na construção da excelência

Aprender as relações entre o desempenho académico destes alunos e o seu envolvimento em atividades educativas e de lazer fora da escola não se compadece com uma linearidade estatística, ancorada no ensaio de associações de causalidade. A nossa abordagem subsequente pretende fazer emergir um conjunto de regularidades observáveis nos dados que se reportam ao lado de fora do quotidiano das aprendizagens formais, designadamente o uso do tempo em atividades contextualmente enquadradas, de natureza não formal e atividades de lazer e tempos livres, de cariz mais informal.



A tabela 3 mostra, em primeiro lugar, que a generalidade dos alunos inquiridos está envolvida em pelo menos uma atividade extracurricular fora da escola –há apenas 10 alunos do quadro de excelência que não o fazem –, havendo mesmo 16 alunos que distribuía o seu tempo livre por 4 ou mais atividades de tipo não-escolar. Um terço dos alunos excelentes participava apenas em 1 atividade, sendo o mais recorrente encontrar os inquiridos, em média, em duas atividades. De entre as atividades listadas, o desporto aparece como aquela que reúne globalmente mais preferências, sendo esta tendência mais visível nos rapazes e constituindo a segunda opção entre as raparigas. Para muitos, o desporto é a única atividade praticada fora da escola. Entretanto, a tabela 4 ilustra também que entre as atividades mais regulares, de carácter sistemático e com óbvias conexões ao mundo escolar se encontra a frequência de centros de estudos/explicações (cf. Costa, Neto-Mendes & Ventura, 2008, 2013). E neste caso, as raparigas apontaram esta atividade como a mais frequente, isto é, 43% das alunas afirmaram recorrer ao apoio escolar nestes contextos, enquanto os rapazes apenas apontaram esta estratégia em cerca de 38% dos casos.

Tabela 3 - Envolvimento em atividades para além da escola, por género e número de atividades

Sexo	F _i (N=205)	Masculino			Feminino			Total	
		1 At.	2 At.	3 At.	1 At.	2 At.	3 At.	M (N=69)	F (N=136)
Desporto	101 (49,3%)	13	21	13	10	17	27	47 (68,1%)	54 (39,7%)
Música	41 (20,0%)	3	5	9	5	7	12	17 (24,6%)	24 (17,6%)
Ginásio, Fitness	42 (20,5%)	2	6	9	3	4	18	17 (24,6%)	25 (18,4%)
Dança	39 (19,0%)	0	1	0	6	12	20	1 (1,4%)	38 (27,9%)
Escutismo	8 (3,9%)	0	1	0	3	0	4	1 (1,4%)	7 (5,1)
Atividades de Voluntariado	29 (14,1%)	1	2	1	2	4	19	4 (5,8%)	25 (18,4%)
Centro de Estudos / Explicações	85 (41,5%)	4	13	9	9	21	29	26 (37,7%)	59 (43,4%)
Atividades em Associações	13 (6,3%)	0	2	4	0	1	6	6 (8,7%)	7 (5,1%)
Atividades Religiosas	48 (23,4%)	0	6	4	7	12	19	10 (14,5%)	38 (27,9%)
Partido Político	6 (2,9%)	0	1	1	0	0	4	2 (2,9%)	4 (2,9%)

Fonte: Inquérito por questionário aos alunos do quadro de excelência 2003-2009.

Apesar de o atual quotidiano destes alunos ser absorvente no que ao escolar diz respeito, os dados que trouxemos até aqui e que se reforçam nos que se observam na tabela 4, de certo modo refutam a ideia de que a excelência académica só se alcança pelo exclusivo centramento nas atividades letivas e no currículo. Esta tabela, não sendo exaustiva em todas as combinações possíveis, ilustra como alguns destes alunos constroem a sua educação na quantidade e diversidade de oportunidades de aprendizagem e de formação. Desde logo, o desporto/atividades físicas parecem combinar com as explicações, numa espécie de fórmula geradora de equilíbrios entre o intelectual e o físico.



Tabela 4 – Alunos que participam em pelo menos 3 atividades

Combinações de 3 atividades	fi
Desporto + centro de estudos/explicações + ginásio/fitness	16
Desporto + centro de estudos/explicações + atividades religiosas	8
Desporto + centro de estudos/explicações + música	7
Ginásio/fitness + centro de estudos/explicações + dança	7
Desporto + ginásio/fitness + música	7
Desporto + centro de estudos/explicações + associativismo	6
Desporto + atividades religiosas + voluntariado	6
Desporto + centro de estudos/explicações + voluntariado	5
Desporto + atividades religiosas + música	5
Desporto + ginásio/fitness + associativismo	5
Desporto + dança + voluntariado	5

Fonte: Inquérito por questionário aos alunos do quadro de excelência 2003-2009.

Tabela 5 – Atividades de lazer e tempos livres

Atividades		Masculino		Feminino		Associações (χ^2)
		> Freq.	< Freq.	> Freq.	< Freq.	
Ir à biblioteca municipal	F _i	11	52	19	113	
	%	17,5	82,5	14,4	85,6	
Tocar música com amigos	F _i	10	53	12	119	
	%	15,9	84,1	9,2	90,8	
Ir ao cinema	F _i	32	34	64	73	
	%	48,5	51,5	46,7	53,3	
Ouvir música	F _i	62	5	124	12	
	%	92,5	7,5	91,2	53,3	
Jogar consola/computador	F _i	46	21	21	114	χ^2 56,96, df 1, p<0,001
	%	68,7	31,3	15,6	84,4	
Participação em atividades religiosas	F _i	7	59	27	106	
	%	10,6	89,4	20,3	79,7	
Ler	F _i	34	33	88	48	χ^2 3,65, df 1, p<0,05
	%	50,7	49,3	64,7	35,3	
Ir à praia	F _i	49	18	93	44	
	%	73,1	26,9	67,9	32,1	
Estar com os amigos	F _i	61	6	121	16	
	%	91,0	9,0	88,3	11,7	
Desporto/exercício físico	F _i	52	15	80	56	χ^2 6,97, df 1, p<0,01
	%	77,6	22,4	58,8	41,2	
TV / DVD / Vídeo	F _i	54	13	111	26	
	%	80,6	19,4	81,0	19,0	
Navegar na internet	F _i	58	9	93	43	χ^2 7,79, df 1, p<0,01
	%	86,6	13,4	68,4	31,6	
Participar em redes sociais	F _i	30	37	70	67	
	%	44,8	55,2	51,1	48,9	
Ir a bares e discotecas	F _i	33	34	46	91	χ^2 4,66, df 1, p<0,05
	%	49,3	50,7	33,6	66,4	

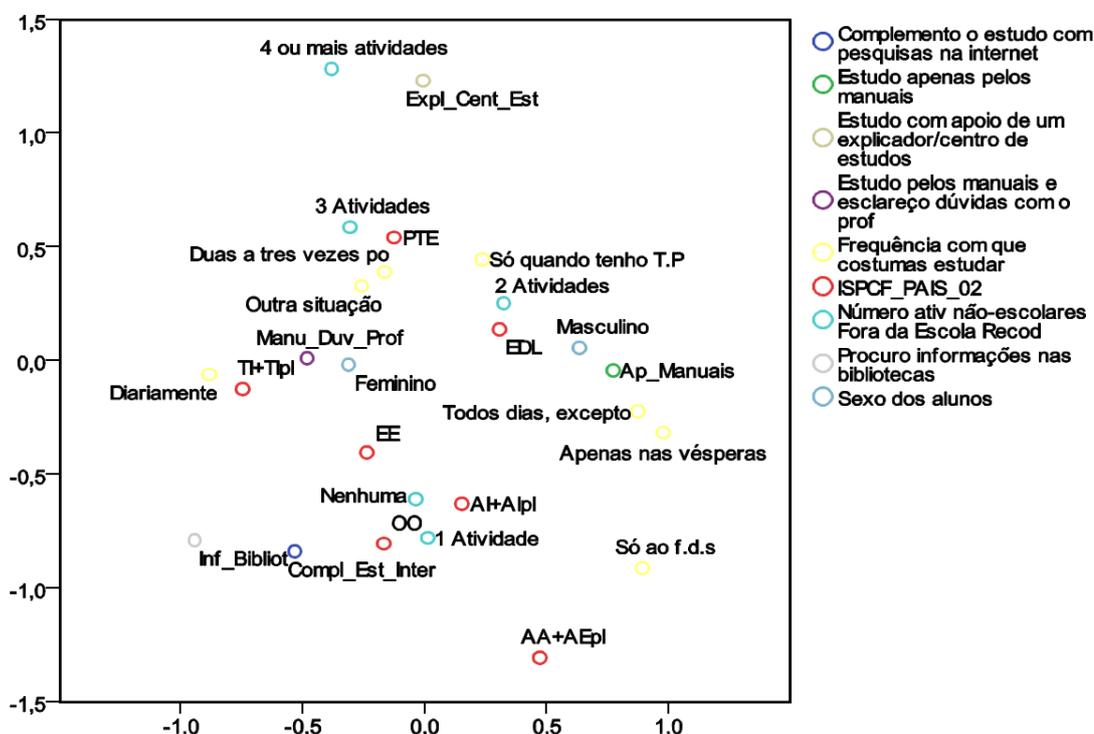
Fonte: Inquérito por questionário aos alunos do quadro de excelência 2003-2009.

Se a tabela 3 já tinha posto a descoberto algumas diferenças de género no que concerne às atividades de natureza não-formal – nomeadamente, as raparigas mais envolvidas na dança, no voluntariado, em atividades religiosas e, como se disse, nas explicações, por sua vez, os rapazes destacando-se mais no desporto, na música, no



ginásio/fitness e também nas explicações –, olhando agora para as outras atividades de lazer e tempos livres, típicas das culturas e das sociabilidades juvenis, sobressaem distintos perfis ao nível do tipo e frequência destas atividades. Enquanto as raparigas se diferenciam de forma mais significativa pela prática de atividades religiosas e pela leitura, os rapazes, por sua vez, acentuam as diferenças de género pelo jogo de consola/computador, pelo exercício físico, pela navegação na internet e pela frequência de bares/discotecas. Estas diferenças, com significância estatística, foram apuradas recorrendo ao teste Mann-Whitney e ao teste do Qui-Quadrado, este último visível na tabela 5. Outras diferenças se denotam ao nível do género, embora sem indiciarem relevo estatístico. Porém, é possível subentender um perfil mais exterior, lúdico e informal por parte dos alunos excelentes e um perfil mais recatado e reflexivo por parte das alunas.

Gráfico 6 – Configuração do espaço social do ofício do aluno



Por fim, procurando sintetizar o espaço social do ofício destes alunos com elevados desempenhos académicos, associando as suas práticas e frequências de estudo, o número de atividades de natureza não-formal e fora da escola, com o género e o indicador socioprofissional de classe da família, obtivemos o *plot* (gráfico 6) de uma análise de correspondências múltiplas efetuada com recurso ao *software* IBM SPSS Statistics (versão 22.0). Esboçamos com este procedimento a identificação de potenciais associações entre as categorias das referidas variáveis e, deste modo, procurando apreender disposições-tipo no que respeita às práticas educativas do quotidiano dos alunos excelentes. Assim, se ao nível da primeira dimensão é a frequência do estudo que mais discrimina neste espaço social, por outro lado, a segunda dimensão põe mais em evidência o número de atividades não-



escolares frequentadas fora da escola. No sentido de clarificação, dir-se-á que, mesmo que a variável género não diferencie muito as configurações observadas, os rapazes, ainda assim, tendem a estudar de forma menos continuada que as raparigas e adotando um método de estudo centrado apenas nos manuais escolares; as raparigas, pelo seu lado, também estudam pelos manuais, mas estrategicamente procuram tirar as dúvidas com os professores. Um olhar a partir de outro prisma mostra que são os alunos das classes sociais mais escolarizadas (PTE – Profissionais Técnicos de Enquadramento) e os empresários, dirigentes e profissionais liberais (EDL)² que mais atividades têm para além da escola, de entre estas o recurso às explicações/centros de estudos. Estes alunos foram aqueles que referiram estudar mais pontualmente. Inversamente, os filhos de operários, os assalariados agrícolas, os empregados executantes e os assalariados pluri-ativos foram aqueles que menos se envolveram em atividades extra-escola e que tendiam a procurar informações na internet e a complementar o seu estudo nas bibliotecas. A configuração deste espaço social multifatorial aponta para a necessidade de compreender o fenómeno da excelência escolar, aparentemente uniforme, na sua diversidade, quer nas questões de género, quer no que toca às origens sociais.

Considerações finais

A leitura de tendências e de aspetos conclusivos que emergiram ao longo deste texto terão de, inevitavelmente, ser contextualizados por referência ao estudo de caso exploratório, desenvolvido numa escola secundária do litoral norte de Portugal, que instituiu as práticas de distinção da excelência desde meados da primeira década de 2000. Em cerca de uma década, o número de alunos que inscreveram o seu nome no quadro de excelência não parou de aumentar, sendo notórias algumas particularidades ao nível de género, de classe social, de distintas predisposições face ao estudo por parte destes jovens. E se se tornou relevante do ponto de vista sociológico detetar que a composição social dos distinguidos baralhava a tese da inevitabilidade de um destino socialmente determinado, ao se encontrar um grupo significativo de jovens cujos progenitores desempenhavam atividades profissionais menos valorizadas e com perfis de escolaridade básica, de imediato se tornou premente indagar como seriam os quotidianos dos alunos distinguidos e como organizavam os seus percursos de aprendizagem.

Como as fronteiras entre o dentro e o fora, o escolar e o não-escolar se afiguram cada vez mais problemáticas e indefinidas, o facto de se ter constatado que estes alunos preconizavam um modelo de ensino-aprendizagem decalcado da tradicional *forma escolar*, desde o estudo à forma de comportar dentro dos cânones tradicionais, a análise dos diversos investimentos educativos e formativos fora da escola tornou-se uma peça incontornável neste puzzle investigativo. Por conseguinte, os dados que aqui apresentamos revelaram que apenas 5% dos alunos de excelência não estavam envolvidos em quaisquer atividades não-escolares. Pelo contrário, os tempos livres fora da escola eram ocupados em pelo menos duas atividades, sendo que uma delas, em grande parte dos casos, passava pela frequência de centros de estudos/explicações, o que se traduz no prolongamento do escolar para além dos muros da escola. Mais do que complemento e/ou suplemento do currículo em disciplinas objeto de exame nacional, este reforço pode ser entendido como uma estratégia para garantir o treino e a performance em patamares de exigência, uma vantagem

² Sobre a tipologia do lugar de classe e indicador socioprofissional de classe, tendo em conta a realidade portuguesa, consultar Costa (1999) e Almeida, Machado & Costa (2006)



comparativa na definição de futuros acessos ao ensino superior. Mas também em muitos casos verificamos que estas estratégias tendiam a antecipar os conhecimentos que mais tarde seriam lecionados em sala de aula, constituindo, por esta via, uma forma de fabricação de um estatuto de excelência e, ao mesmo tempo, de condicionamento dos ritmos de aprendizagem.

Não se restringindo apenas a estes contextos externos de treino curricular, a maior parte destes alunos buscou no desporto e na atividade física uma possibilidade de se libertar da componente cognitiva e académica, uma forma de construir “um equilíbrio”, dir-nos-ia um destes alunos mais tarde. Esta ilação está bem plasmada nos dados atrás apresentados, na medida em que, excetuando a música e uma ou outra frequência num instituto de línguas, as restantes atividades não-formais situaram-se mais em áreas da participação associativa, voluntária e religiosa.

Os dados recolhidos e em construção serão certamente mais consistentes e ricos do que aqueles que aqui couberam. Contudo, parece claro com este texto que a performatividade escolar não pode dispensar de uma heurística atenta ao não-escolar, aqui entendido como uma teia complexa de inscrições e possibilidades no quadro da comunidade e da cidade educativa, mas que parece condicionada por fatores de natureza social e cultural, designadamente as condições disponibilizadas aos alunos para construírem percursos diversos de aprendizagens e experiências. O facto de uns conseguirem inscrever o seu nome no quadro de excelência com menos experiências extracurriculares e outros também o fazerem recheando a sua vida com múltiplas atividades, e sabendo que a isto não é indiferente a classe social, resta-nos, por agora, perguntar se para além dos muros da escola o valor da excelência terá o mesmo significado?

Referências bibliográficas

- Almeida, João F. de, Machado, Fernando L., & Costa, António F. da (2006). Social classes and values in Europe. *Portuguese Journal of Social Science*, 5(2), 95-117.
- Costa, António F. da (1999). *Sociedade de bairro*. Oeiras: Celta Editora.
- Costa, Jorge A., Neto-Mendes, A., & Ventura, Alexandre (2008). *Xplika: Investigação Sobre o Mercado das Explicações*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Costa, Jorge A., Neto-Mendes, A., & Ventura, Alexandre (2008). (Orgs.). (2013). *Xplika internacional: Panorâmica Sobre o Mercado das Explicações*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Lahire, Bernard (1995). *Tableaux de familles. Heurs et malheurs scolaires en milieux populaires*. Paris: Seuil/Gallimard.
- Palhares, José A. (2013). A excelência académica na escola pública: quotidianos escolares e não-escolares de jovens enquanto alunos. In Leonor L. Torres & José A. Palhares (Orgs.). *Entre mais e melhor escola em democracia: Inclusão e excelência no sistema educativo português*. Lisboa: Mundos Sociais (em publicação).
- Palhares, José A., & Torres, Leonor L. (2012). Governação da escola e excelência académica: as representações dos alunos distinguidos num quadro de excelência. *Sociologia da Educação - Revista Luso-Brasileira*, Edição especial, Rio de Janeiro, 234-258.



Perrenoud, Philippe (1995). *Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar*. Porto: Porto Editora.

Vieira, Maria, M., Pappámikail, Lia, & Nunes, Cátia (2012). Escolhas escolares e modalidades de sucesso no ensino secundário: Percursos e temporalidades. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 70, 45-70.

